

O RECIFE COMO SEDE DO I FESTIVAL NACIONAL DE TEATROS DE ESTUDANTES: UM PANORAMA TEATRAL DA ÉPOCA

Leidson Malan Monteiro de Castro Ferraz (UNIRIO)

leidson.ferraz@gmail.com

Resumo

Este artigo contextualiza o I Festival Nacional de Teatros de Estudantes, evento que deu ao Recife, num momento em que revistas – para desespero da crítica – ganhavam a atenção do público, a certeza de apreciar montagens de qualidade nos seus palcos.

Palavras-chave

História do Teatro Brasileiro; História dos Festivais de Teatro; Recife; Paschoal Carlos Magno; Teatro Estudantil.

Abstract

This article contextualizes the 1st National Festival of Student Theaters, an event that took place in Recife, at a time when the Revue Theatre – to the dismay of critics – were gaining attention of the public, a certain to appreciate quality productions on their stages.

Key words

History of Brazilian Theater; History of Theater Festivals; Recife; Paschoal Carlos Magno; Student Theater.

Em julho de 1958, no mesmo mês em que o Brasil pela primeira vez tornou-se campeão da Copa do Mundo de Futebol, o Recife foi palco de um evento teatral que ganharia destaque no país inteiro, o I Festival Nacional de Teatros de Estudantes, iniciativa do embaixador Paschoal Carlos Magno dando o pontapé para seis novas outras edições. Este artigo contextualiza o panorama teatral da época no Recife, pouco antes e depois de tão importante realização. Afinal, foi ali que o poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto ganhou destaque como autor teatral, não com uma peça

apresentada por elenco do seu estado, e sim pelos artistas amadores do Norte Teatro Escola do Pará, na primeira versão para o palco do poema dramático *Morte e Vida Severina*.

O Recife de então vivia uma febre de espetáculos musicados visitantes, revistas que ganhavam cada vez mais cenas apimentadas com frases de dúbio sentido, quando não palavrões e certa pornografia. A Festa da Mocidade, armada no Parque 13 de Maio sob a coordenação da Casa do Estudante de Pernambuco desde 1936, era o “antro” de tais peças populares, assim como o Teatro Marrocos, barracão teatral erguido pelo ator-empresário Barreto Júnior exatamente ao lado da mais respeitada casa de espetáculos da capital pernambucana, o Teatro de Santa Isabel, todos no centro da cidade. Para desespero de críticos teatrais como Valdemar de Oliveira, o público recifense rendia-se às produções revisteiras que chegavam do Rio de Janeiro, muitas trazendo cenas originalmente já excluídas e elenco desfalcado.

O grande destaque naquele início de 1958 era Colé e Sua Cia. de Revistas, com espetáculos como *É Bafo de Onça*, de autoria de Humberto Cunha e o próprio Colé Santana; *Brotos em 3-D*, de César Ladeira e Haroldo Barbosa; e *Folias de 1958*, revista pernambucana de Walter de Oliveira, esta última com participação da Escola de Samba São Jorge. Mas, diferente do que acontecia até então, com o público só prestigiando o que vinha de fora, a produção revisteira de Pernambuco finalmente passou a ser consagrada. O fato se deu com a Companhia Portátil de Revistas Valença Filho, após longa excursão por “lugares inóspitos” do Brasil e até da Bolívia, que voltou renovada para o Recife e lançou uma revista carnavalesca de sabor exclusivamente local, *O Buraco de Otília*, de Valença Filho em parceria com Luiz Maranhão Filho e direção do ator paraense já radicado na cidade, Lúcio Mauro.

Reunindo 60 artistas profissionais em seu elenco (nomes como o próprio Lúcio Mauro, Lindberg Leite, Lourdes Bergmann, José Bustorff, Mary Gil, Dominó, Laurimar Soares, Odilon Bueno, Mavis Gama e Índia Dalva, além da participação dos Caboclinhos Tupinambás e do passista Egídio Bezerra), a luxuosa montagem local ousou ficar em cartaz no período carnavalesco e, para surpresa de muitos, agradou bastante. A estreia aconteceu no dia 31 de janeiro de 1958, excepcionalmente no Teatro de Santa Isabel. Declaradamente avesso às revistas, o jornalista Valdemar de Oliveira, com a sua clássica assinatura W. no *Jornal do Commercio*, rendeu-se, em parte, ao sucesso de *O Buraco de Otília*:

Não é exagero dizer-se realmente que Valença Filho cumpriu o prometido, dando-nos um espetáculo honesto, quase limpo, cena a cena demonstrando um esforço bem intencionado, começando por cercar-se de alguns bons elementos em disponibilidade ocasional no meio profissional de teatro e invertendo uma boa soma na montagem e no desempenho. (W. [Valdemar de Oliveira], *Jornal do Commercio*, 4 fev. 1958, p. 6)

No entanto, salientou que o Teatro de Santa Isabel não era palco para aquele gênero popular de espetáculo. Por sua vez, Medeiros Cavalcanti, colega de batente no mesmo *Jornal do Commercio*, festejou que a revista *O Buraco de Otilia* tivesse conquistado a plateia recifense desde a sua estreia, apesar de Valença Filho ter medo de não agradar aos exigentes espectadores do Teatro de Santa Isabel: “O espetáculo teria de se manter num nível de pureza e aprumo artístico quase difícil de conceber, tão viciados andamos com espetáculos de revistas chifrins” (CAVALCANTI, *Jornal do Commercio*, 8 fev. 1958, p. 6), alegou. Mas o resultado de público nos dois meses em que a produção permaneceu em cartaz foi excelente.

Tanto que Valença Filho anunciou que outro texto de Luiz Maranhão Filho iria ocupar aquele mesmo palco, *A Fofoca do Brasilino*, revista em 18 quadros, com estreia a 11 de março de 1958. No elenco dirigido pelo próprio ator e empresário, destaque para um corpo de 14 coristas e quatro "boys", sob direção coreográfica de Paulo Ribeiro. A orquestra, a mesma da revista anterior, continuou sob a batuta do maestro Rocha Lima, com arranjos musicais do afamado Duda. Medeiros Cavalcanti ressaltou o impacto que a montagem lhe causou: “[...] trata-se de uma realização pernambucana que deixa longe, definitivamente, tudo o que nos tem sido mostrado nestes últimos anos por companhias profissionais do Rio, o grande, sedutor e tentacular Rio, Meca de Teatro” (*Ibidem*, 13 mar. 1958, p. 6).

Valdemar de Oliveira também escreveu sobre *A Fofoca do Brasilino*, considerando a revista “igual às outras na fatura: uma sucessão de quadros, ora cantados, ora declamados, ora dançados, sem fio de ligação entre si” (W., *Jornal do Commercio*, 13 mar. 1958, p. 6). No entanto, ainda que a obra não mostrasse originalidade alguma, o esforço de melhoria era evidente e bem sucedido, “admitidas as naturais restrições ao gênero”, alfinetou. Bom público havia, mas em pouco tempo esta nova produção teve que sair de cartaz para a temporada de reprise de *Os Milagres de Jesus*, “arranjo dramático” de J. Orlando Lessa, Raul Prysthon e Arlindo Silva, sempre

em cartaz no período próximo à Semana Santa, com o elenco amador do Teatro do Funcionário Público.

O fato de trocar profissionais em cartaz por amadores causou indignação a Medeiros Cavalcanti, tanto que ele ironizou: “O espetáculo é uma *tragédia* de ruim e uma *comédia* de ridículo” (CAVALCANTI, *Jornal do Commercio*, 30 mar. 1958, p. 6). Sem poder ocupar o Teatro de Santa Isabel, Valença Filho levou *A Fofoca do Brasilino* para cumprir temporada no Teatro Marrocos a partir de 22 de março de 1958, divulgada como “Uma Revista 100% Moderna” (A FOFOCA... [Anúncio], *Diario de Pernambuco*, 12 mar. 1958, p. 17), em cartaz até o domingo 6 de abril, encerrando com sessão tripla, às 16, 19 e 21 horas. O resultado de público por lá já não foi nada agradável. Medeiros Cavalcanti apontou as razões:

E o que vimos foi toda a Cia. Valença metendo os pés pelas mãos e destruindo, alegremente, todo o trabalho anterior conquistado, com as noites no Santa Isabel, com *O Buraco de Otilia*. O que sucedeu? Simplesmente isto: *A Fofoca do Brasilino* abastardou-se. Está grosseira, antifamiliar. É preciso retroceder o quanto antes, voltar ao clima anterior. (CAVALCANTI, *Jornal do Commercio*, 20 abr. 1958, p. 22)

Ou seja, também como acontecia no Rio de Janeiro, a então capital da República, a produção revisteira pernambucana, certamente para agradar às plateias de apelo mais popularesco, baixava o nível do até então “sadio humorismo” que estava sendo levado à cena. Mesmo assim, sem desistir de suas realizações teatrais e após viagem à terra fluminense a fim de fechar temporada por lá, Valença Filho trouxe um guarda-roupa renovado e prometeu estreiar *Ou Vai... Ou Racha!*, de Mayerber de Carvalho. Medeiros Cavalcanti revelou que comentários davam conta de que a turma não estava preparada para enfrentar a “metrópole carioca”, mas contestou sarcasticamente:

Mesmo que a Companhia do Valença fosse tão ruim quanto as que por aqui têm aparecido, as dos Geysas, dos D'Ávila, dos Colé¹, com pessoal arrebanhado às pressas no desvão da praça Tiradentes, com guarda-roupa alugado, com esquetes velhíssimos, com piadas "cariocas", com garotas

¹ Refere-se ao produtor de revistas, dramaturgo e diretor Geysa Bôscoli, além dos artistas-empresários do teatro de revista, Walter D'Ávila e Colé Santana, todos da cena teatral fluminense em constantes turnês pelo país.

desajeitadas (exceto para cavar a vida com os coronéis locais) e, às vezes, até desoladoramente feias [...], eu lhe diria: – Vá, homem de Deus! Vá dar ao Rio o troco das temporadas infames que ele nos tem mandado a título de teatro de revista, com pornografia e tudo! (CAVALCANTI, *Jornal do Commercio*, 12 abr. 1958, p. 6)

A 27 de abril de 1958 a revista *Ou Vai... Ou Racha!* estreou no popularíssimo Teatro Marrocos como nova produção da Companhia Portátil de Revistas Valença Filho, luxuosamente vestida. Mas o que se viu não agradou a Medeiros Cavalcanti que, usando da graça que lhe era peculiar, salientou que o trabalho carecia de um texto “de imaginação e humor sadio”, pois o que se mostrava era a tentativa de fazer humor “apelando para a piada indecente, o trocadilho grosseiro, a expressão crua, fingindo um *double sens* [duplo sentido] impossível” (*Ibidem*, 29 abr. 1958, p. 6). Por fim, alertou: “*Ou Vai... Ou Racha!* não tem um esquete que preste” (*Ibidem, idem*).

Enquanto a produção revisteira, tanto a do Recife quanto a que chegava de fora, enfrentava atropelos naquele ano de 1958, Ítalo Cúrcio e Sua Companhia de Comédias anunciou volta à capital pernambucana para ocupar o Teatro de Santa Isabel a partir de 2 de maio, estreando uma série de comédias que, na sua grande maioria, também recebeu críticas negativas na imprensa, além de público minguaado. *Ri-Fi-Fi no Society*, por exemplo, texto e direção daquele empresário teatral carioca que vivia itinerando pelo país e desta vez atuava ao lado de artistas como Célia Cúrcio, Lélia Verbena e Jota Gomes, impulsionou o crítico teatral Adeth Leite, do *Diário de Pernambuco*, a fazer um desabafo:

É preciso, antes de tudo, que certas empresas reconheçam que o Recife não é terra de ninguém. O simples fato da pecinha representada não conter excessivas doses de pornografia ou ditos de *double sens*, não é o bastante para impor-se, a uma plateia como a nossa, os espetáculos [...] caça-níqueis que por aqui aportam, com ou sem clarinadas de grande coisa. (LEITE, *Diário de Pernambuco*, 11 mai. 1958, p. 19)

O “melhor” a se mostrar

Pelo visto, nada que chegava à capital pernambucana em 1958 agradava. Daí um dos motivos de sucesso do I Festival Nacional de Teatros de Estudantes, que aconteceu

de 19 a 29 de julho, sob coordenação de Paschoal Carlos Magno e tendo à frente a figura de Alfredo de Oliveira, o então presidente da Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco (ACTP) e diretor do Teatro de Santa Isabel, contando com apoio da Presidência da República, do Ministério da Educação e Cultura e da Reitoria da Universidade do Recife². Ainda que parte da programação tenha sofrido reveses, como veremos adiante, o evento inegavelmente conseguiu oferecer alguns trabalhos de altíssimo nível. Esta primeira edição do Festival foi tão significativa, com o Recife recebendo mais de 700 artistas amadores de vários cantos do país, que deveria ter sido inaugurada pelo presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, mas quem o representou, quase de última hora, foi o ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado.

Na programação, sempre com entrada franca, espetáculos para serem vistos nos teatros de Santa Isabel e do Derby, com sessões diárias às 16 e 21 horas, além de entrega de diversos prêmios, conferências, debates, cursos, uma “Ceia dos Personagens” – em substituição a um projetado baile inicial – e dois inéditos julgamentos de personagens, os primeiros do gênero ocorridos no país, de Hamlet e Otelo, ambos absolvidos e vividos respectivamente pelos já aclamados atores Sérgio Cardoso e Paulo Autran. O júri foi formado por intelectuais e a acusação e a defesa feitas por criminalistas nacionalmente conhecidos na Faculdade de Direito do Recife.

A abertura do Festival no Teatro de Santa Isabel contou com um coral de 110 vozes, fruto do 1º Curso Nacional de Música Sacra, e até mesmo os servidores públicos federais e autárquicos tiveram dispensa de ponto para poderem apreciar a programação. Entre os espetáculos participantes, *Teatro Cômico*, de Goldoni, com a Escola de Arte Dramática de São Paulo; *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, pelo Norte Teatro Escola do Pará; *Inês Que Não Era de Pedro*, original de Fernando Moreira, pelo Teatro Experimental do Estudante do Maranhão; *Auto de João da Cruz*, de Ariano Suassuna, pelo Teatro do Estudante da Paraíba; *A Canção Dentro do Pão*, de R. Magalhães Júnior, pela Agremiação Goiana de Teatro; *Escola de Ladrões*, de Severino Uchôa, pelo Teatro do Estudante de Sergipe; *Fora da Barra*, de Sutton Vanne, com o Teatro do Estudante do Paraná; *Os Espectros*, de Ibsen, com o Grupo 57, de Belo

² Naquele ano, pouco antes, a Universidade do Recife (hoje Universidade Federal de Pernambuco) finalmente havia inaugurado o seu Curso de Arte Dramática na Escola de Belas Artes, certamente um dos motivos para o Recife ter recebido esta primeira edição do Festival Nacional de Teatros de Estudantes, além, claro, da efervescência de grupos amadores na cidade (bom lembrar que, em 1957, o Teatro Adolescente do Recife deu projeção nacional ao autor Ariano Suassuna por sua peça *A Compadecida*, quando ganhou a medalha de ouro no I Festival de Amadores Nacionais, no Rio de Janeiro, com a atriz, diretora e empresária Dulcina de Moraes na organização do evento) e da atuação constante da crônica/crítica nos jornais locais.

Horizonte; duas propostas cênicas pelo Teatro Universitário de Porto Alegre, *A Cantora Careca*, de Ionesco, e *O Macaco da Vizinha*, de Joaquim Manuel de Macedo; e ainda, como atrações do Rio de Janeiro, *Zé do Pato*, de Elza Pinho Osborne, pelo Teatro Rural do Estudante; *Descoberta do Novo Mundo*, de Morvan Lebesque, com o elenco da Escola do Teatro Duse; *George Dandin*, de Molière, pela Escola Dramática Martins Penna; *Deus Lhe Pague*, de Joracy Camargo, na versão do Conservatório Nacional de Teatro; *A Beata Maria do Egito*, de Rachel de Queiroz, pelo Teatro Universitário Cultural do Brasil; e três peças em um ato cada, *Os Cegos*, de Ghelderode, *Pedido de Casamento*, de Tchekhov, e *Hiperbeloide*, de João Bosco de Siqueira e Luiz Sérgio Sampaio, pelo Teatro Experimental do Instituto Tecnológico da Aeronáutica.

Três grupos recifenses também foram convocados, todos com peças que haviam estreado naquele ano: o Teatro Adolescente do Recife, com *O Casamento Suspeitoso*, de Ariano Suassuna e direção de Clênio Wanderley; o Teatro Universitário de Pernambuco, com *Medea*, adaptação livre de Robinson Jefres a partir da tragédia grega de Eurípedes, sob direção do carioca Graça Mello; e o Teatro de Amadores de Pernambuco, o mais aclamado conjunto teatral do estado, convidado para encerrar o evento com uma sessão especial de *Seis Personagens à Procura de Autor*, de Luigi Pirandello, em provocante versão dirigida por Hermilo Borba Filho. No segmento infantil, quando ainda tão poucas produções do gênero eram oferecidas às crianças recifenses, apenas uma compôs a grade de espetáculos, *A História do Mágico de Oz*, de José Valuzzi, pelo Teatro da Hebraica, do Rio de Janeiro. O *Coral Falado*, da USP, representou o segmento cênico musical.

Das atividades formativas, foram programadas conferência-aula com Luiz de Lima e Willy Keller e palestras de Enrique Martinez Lopez, Joel Pontes, Valdemar de Oliveira, além de professores da Universidade do Recife e do Teatro Duse, nomes como Hermilo Borba Filho e Luiza Barreto Leite. O prêmio destinado ao melhor diretor era uma viagem de ida e volta à Europa, com direito a bolsa de estudos. Os próprios grupos designaram três dos seus integrantes para compor o júri. Divididos por região, o melhor espetáculo do Norte foi *Morte e Vida Severina*, do Norte Teatro Escola do Pará, que também levou o prêmio de autor para João Cabral de Melo Neto. O 2º melhor texto foi para Rachel de Queiroz, com a peça *A Beata Maria do Egito*. O melhor espetáculo do Sul foi a dobradinha *O Macaco da Vizinha* e *A Cantora Careca*, pelo Teatro Universitário de Porto Alegre; e o melhor espetáculo do centro foi *Zé do Pato*, pelo

Teatro Rural do Estudante, da zona rural de Campo Grande, Rio de Janeiro, que também deu a B. de Paiva o prêmio de direção amadora.

O 2º melhor diretor amador, Antônio Abujamra, estava à frente da versão de *A Cantora Careca* pelo Teatro Universitário de Porto Alegre, grupo que ficou ainda com o prêmio de melhor programa, seguido pelo *Coral Falado*, de São Paulo. Já o melhor diretor profissional foi Olga Navarro, pela peça *Teatro Cômico*, realização da Escola de Arte Dramática de São Paulo, instituição que levou o título de melhor guarda-roupa. Wilson Chebar, do Teatro Universitário do Brasil, venceu como cenógrafo. Os melhores intérpretes masculinos foram Carlos Miranda (PA), Avelino Couto (GO), Rogério Fróes (RJ) e Odvaldes Messias Petti (SP). Já Agnes Xavier (RJ), Amélia Bittencourt (RS), Margarida Cardoso (PE) e Elza Gonçalves (RJ) ganharam como intérpretes femininas. Os melhores coadjuvantes foram Marcelo Bittencourt (RS), Joel Pontes (PE), Lúcia C. de Melo (SP), Zélia Maria (RJ) e Yetta Moreira (RS). Já o título de melhor “ponta” ficou com Wilson Dray (RJ). Os prêmios da viagem à Europa couberam aos diretores B. de Paiva e Antônio Abujamra.

Paschoal Carlos Magno encerrou a solenidade de premiação dizendo que “o festival fora mais uma demonstração de interesse e entusiasmo que os estudantes dedicam ao teatro, congratulando-se também com a ordem e disciplina que imperou em toda a sua realização” (TERMINOU..., *Jornal do Commercio*, 30 jul. 1958, p. 14). Como conclusão, ele realizou a votação da sede do II Festival Nacional de Teatros de Estudantes, recaindo a escolha para Porto Alegre, mas seria em Santos (SP) o próximo. Intitulando o evento como o “marco da maior festa de confraternização entre jovens amadores teatrais do Brasil”, o cronista José Maria Marques, assinando como “Interino” a coluna *Teatro* do *Jornal do Commercio*, saldou os frutos que poderiam vir a seguir:

Volta o Recife, no setor da arte cênica, à sua rotina normal, embora com muito boas sementes plantadas em seu terreno árido e com a convicção de que o grande público aprendeu melhor o caminho dos teatros e haverá de frequentá-los agora com maior disposição e regularidade. (INTERINO, *Jornal do Commercio*, 30 jul. 1958, p. 14)

Críticas

Mas nem tudo foram flores, já que o evento enfrentou uma série de problemas, com as duas casas de espetáculos abarrotadas de espectadores, para além do permitido. E teve até protesto de participantes pela dificuldade de ver as apresentações. Ensaaiou-se

até uma vaia a Paschoal Carlos Magno. O público comum também não estava satisfeito. Somente no quarto dia do Festival a situação foi normalizada, com a distribuição de senhas dando prioridade aos participantes e aos estudantes portadores de carteira. O ingresso era sempre franco. Por conta disso, enormes “enchentes de gente” foram registradas, principalmente no Teatro de Santa Isabel. Valdemar de Oliveira aproveitou a ocasião e lembrou novamente sua maior queixa, a ausência de outras casas de espetáculos necessárias ao Recife.

Assim que o I Festival Nacional de Teatros de Estudantes terminou, o Curso de Arte Dramática da Escola de Belas Artes patrocinou, por mais cinco noites seguidas, palestras, conferência e espetáculos com o professor Alfredo Mesquita e o elenco da Escola de Arte Dramática de São Paulo. A iniciativa pretendia ampliar o intercâmbio artístico entre os dois centros de ensino e possibilitar nova chance àqueles que não assistiram a apresentação da EAD. Alfredo Mesquita chegou a palestrar sobre “A renovação do teatro em São Paulo”, no salão nobre da Escola de Belas Artes de Pernambuco. No Teatro de Santa Isabel, realizou uma conferência ilustrada sobre “O ensino do teatro”, contando com a representação de seus alunos na comédia escrita pelo próprio, *Palavras Trocadas*. Na sequência, ainda foram exibidas as peças em um ato, *Escurial*, de Michel de Ghelderode, com direção de Roberto Freire; *O Rosário*, drama deste último, com direção de Olga Navarro; e a controversa *Ubu-Rei*, de Alfred Jarry, tendo Alfredo Mesquita como diretor.

No intuito de apresentar um espetáculo específico para as crianças do Recife, tão carentes de opções nos palcos, a empresa Jornal do Commercio contratou *A História do Mágico de Oz*, do Teatro da Hebraica, realização da colônia israelita do Rio de Janeiro, sob direção de Jorge Levy, para nova sessão no dia 30 de julho de 1958, às 10 horas, no Teatro de Santa Isabel. E atendendo a pedidos, principalmente por parte de escritores do Recife, a peça *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, com partitura musical de Waldemar Henrique e atuação do premiado elenco do Norte Teatro Escola do Pará, considerado o melhor conjunto do Norte do Brasil no Festival e que deu à Maria Sylvia Nunes o 3º lugar de melhor diretora, também ganhou nova sessão naquela noite, sob patrocínio da Associação Brasileira de Escritores, Seção de Pernambuco.

Aqui, vale um parêntese para emitir a rigorosa opinião crítica de Valdemar de Oliveira, contrária à grande maioria, sobre esta primeira versão teatral de *Morte e Vida Severina*. Antes apresentada no mediano palco do Teatro do Derby, ao ganhar nova récita, agora no bem mais avantajado Teatro de Santa Isabel, a hoje icônica montagem

causou ao jornalista certa “ponta de decepção comum àqueles casos em que não há real correspondência entre o espetáculo por demais louvado e as suas verdadeiras proporções artísticas” (W., *Jornal do Commercio*, 5 ago. 1958, p. 17), pois para ele nem o ator Carlos Miranda dera o mesmo rendimento, nem a montagem produzira efeito igual, como que se diluindo num palco maior:

Não há, penso, duas opiniões acerca do texto de João Cabral de Melo Neto, permanentemente impregnado de poesia e, portanto, de beleza. Mas, haverá, provavelmente, restrições a fazer à adaptação, que se pretende seja teatral, resultando, entretanto, bem longe disso. Se ali estamos para ouvir declamar batidamente um poema [...], está bem; se, porém, nô-lo querem impor como teatro, isto é, como texto teatral, então temos muito que conversar. [...] Se Carlos Miranda é, de fato, um valor cênico, manifestando-se como uma vocação incontestável (embora a natureza do papel não nos permita avaliá-lo a extensão), convenhamos em que os demais compõem um conjunto apenas aceitável [...]. Tenho reparado, aliás, na curiosa confusão que fazem os *snoobs* em face de certas coisas a que rotulam logo de “puras”, quando não passam de simples, de primárias, de infantis e, portanto, inexperientes. Tal o que me parece haver acontecido com *Morte e Vida Severina*, porejante de essência poética – o que deve ter iludido a muitos –, mas de baixa altitude artística como realização teatral. (*Ibidem, idem*)

Bem diferente foi a impressão de Sábato Magaldi, que veio especialmente de São Paulo para cobrir o Festival e escreveu longa apreciação crítica sobre os resultados vistos especialmente para o *Jornal do Commercio*. Além de ter registrado que nunca apreciara “teatro tão vivo e contagiante de vigor como na festa estudantil do Recife”, e que “O velho e sempre atual conceito do teatro como expressão da vida coletiva encontrou no certame uma de suas manifestações mais autênticas”, ainda festejou:

Para o êxito do Festival – e foi ele, sem dúvida, o maior da carreira de animador de Paschoal Carlos Magno – verificou-se uma completa mobilização da cidade, expressa nas numerosas faixas distribuídas pelas ruas, no farto noticiário jornalístico e nas verdadeiras enchentes das casas de espetáculos. [...] Em primeiro lugar, foi deveras agradável para o crítico reconhecer que duas das melhores apresentações vieram de pontos extremos do País: *Morte e Vida Severina*, pelo Norte Teatro Escola do Pará; e *O Macaco da Vizinha* e *A Cantora Careca*, pelo Teatro Universitário de Porto Alegre. (MAGALDI, *Jornal do Commercio*, 17 ago. 1958, p. 6)

E listou as razões positivas que pôde apreciar nas três montagens. Começou por *Morte e Vida Severina* com o elenco estudantil paraense que, ao apresentar pioneiramente uma encenação do auto natalino de João Cabral de Melo, tinha promovido a experiência mais significativa da sua permanência na capital pernambucana, lembrando ainda que apenas a leitura de tão bela poesia daquele poema dramático talvez não sugerisse o rendimento cênico alcançado:

O que transformou em matéria teatral a *Morte e Vida Severina* foi a profunda sinceridade dos atores, carregados de uma seiva incontaminada pela desumanização do teatro. Simples, diretos, nada histriônicos, realizaram eles a epopéia do retirante nordestino na sua miséria e infinita grandeza. Carlos Miranda (Severino), Wilson Penna (Apresentador) e a diretora Maria Sylvia, sobretudo, foram os responsáveis pelo admirável resultado do auto de Natal pernambucano. (MAGALDI, *Jornal do Commercio*, 17 ago. 1958, p. 6)

Já as duas montagens do Teatro Universitário de Porto Alegre, de acordo com o seu olhar, trouxeram um espírito inteiramente diverso e justificável pela natureza dos textos apresentados no Festival:

O Macaco da Vizinha teve uma encenação imaginosa, brilhante, quase caricatural na estilização excessiva. O diretor Mário de Almeida quis tirar partido dos gestos e das atitudes, dando relevo à trama singela de [Joaquim Manuel de] Macedo. Espetáculo leve, agradável, revelador de sadio amadorismo. *A Cantora Careca* [de Eugène Ionesco] orientou-se pela contenção britânica, de que se faz uma deliciosa e rude caricatura. Antônio Abujamra soube dar, como encenador, a exata medida da comicidade de Ionesco, dosando a procura do riso franco, por fim cortado em exaspero. (*Ibidem, idem*)

No entanto, Sábato Magaldi, ainda que feliz com o evento estudantil e a surpresa de encontrar boas montagens oriundas de cantos extremos do país, não deixou de revelar contradições que precisavam ser repensadas numa segunda edição, já que o repertório inicial não pôde ser submetido previamente à consideração dos organizadores e, o que se viu, foi um desnível comprometedor dos resultados culturais, especialmente entre montagens vencedoras: “Se houvesse um preparo estético uniforme dos participantes do certame, *Zé do Pato* nunca poderia ser premiado. E essa vitória do mau gosto nos parece mais estranha se lembrarmos que foram encenados outros espetáculos

positivos” (MAGALDI, *Jornal do Commercio*, 17 ago. 1958, p. 6), alertou. Mesmo assim, terminou por saldar o Festival e o que poderia surgir a partir dele, afinal, os resultados só apareceriam com o tempo, mas para a cidade do Recife já tinha sido uma “promoção do teatro” absolutamente inédita, a que os conjuntos locais precisavam explorar, visando maior proveito da continuidade dos seus trabalhos.

Pelo ocorrido, é claro que artistas e público souberam aproveitar bem aquele ano de 1958 porque tiveram, finalmente, farta distribuição de espetáculos, dos mais diversos cantos do país. E com a realização deste I Festival Nacional de Teatros de Estudantes, a capital pernambucana teve a prova incontestada de que era possível apreciar teatro de qualidade nos seus palcos, ainda que como fruto das experimentações de estudantes em início de carreira cênica³. Por fim, como saudação ao evento, e também às seis outras edições promovidas Brasil afora, vale registrar uma reflexão de Daniele Ávila publicada na revista *O Percevejo* (2001/2002, p. 226): “Os festivais organizados por Paschoal Carlos Magno contribuíram para a formação da nossa mentalidade teatral. Eles foram um movimento de aglutinação de artistas de todo o Brasil e responsáveis pela formação da ideia de um teatro nacional”. Não há como contestar isso, felizmente.

Referências:

A FOFOCA do Brasilino [Anúncio]. **Diário de Pernambuco**. Recife, 12 mar. 1958. p. 17.

ÁVILA, Daniele. Festivais e companhias. **O Percevejo** – Revista de teatro, crítica e estética. Anos 9/10. Nº 10/11. Departamento de Teoria do Teatro/Programa de Pós-Graduação em Teatro/Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO, 2001/2002.

CAVALCANTI, Medeiros. “O Buraco de Otília” – I. **Jornal do Commercio**. Recife, 8 fev. 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

CAVALCANTI, Medeiros. “A Fofoca do Brasilino” – I. **Jornal do Commercio**. Recife, 13 mar. 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

CAVALCANTI, Medeiros. Brasilino vai ao Rio. **Jornal do Commercio**. Recife, 30 mar. 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

³ Importante destacar que em 1959, no II Festival Nacional de Teatros de Estudantes, realizado na cidade paulistana de Santos, o Teatro Universitário de Pernambuco (TUP) conquistou o prêmio de melhor direção por *Guerras do Alecrim e da Manjerona*, de Antônio José da Silva, o Judeu; e o Teatro do Estudante Israelita de Pernambuco (TEIP), em sua primeira investida teatral, ficou com o troféu de melhor espetáculo pela peça *Ratos e Homens*, de John Steinbeck, ambas dirigidas por Graça Mello e lançadas ainda em 1958.

CAVALCANTI, Medeiros. A volta do Valença. **Jornal do Commercio**. Recife, 12 abr. 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

CAVALCANTI, Medeiros. Roteiro coreográfico de Paulo Bezerra. **Jornal do Commercio**. Recife, 20 abr. 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 22.

CAVALCANTI, Medeiros. Ou Vai... Ou Racha! **Jornal do Commercio**. Recife, 29 abr. 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 6.

INTERINO [José Maria Marques]. As últimas notas. **Jornal do Commercio**. Recife, 30 jul. 1958. Artes e Artistas/Teatro. p. 14.

LEITE, Adeth. “Ri-Fi-Fi no Society”. **Diario de Pernambuco**. Recife, 11 mai. 1958. Espetáculos. p. 19.

MAGALDI, Sábato. O festival do Recife. **Jornal do Commercio**. Recife, 17 ago. 1958. Segundo Caderno/Arte. p. 6.

TERMINOU o “Festival de Teatro”: a relação completa dos premiados. **Jornal do Commercio**. Recife, 30 jul. 1958. p. 14.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... **Jornal do Commercio**. Recife, 4 fev. 1958. Artes e Artistas. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... **Jornal do Commercio**. Recife, 13 mar. 1958. Artes e Artistas. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... **Jornal do Commercio**. Recife, 5 ago. 1958. Artes e Artistas. p. 17.